

Liberdade de Expressão

Questões da atualidade

Organização:

**Maria Cristina Castilho Costa
e Patrícia Blanco**

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Vahan Agopyan

Vice-reitor: Prof. Dr. Antonio Carlos Hernandes

Escola de Comunicações e Artes- ECA-USP

Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Vice-Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

DOI: 10.11606/9788572052597

São Paulo

2019



Apresentação

Maria Cristina Castilho Costa¹

Em 2000, quando entrei em contato com o Arquivo Miroel Silveira, o conjunto de 6.137 processos de censura prévia ao teatro, de 1930 a 1970, provenientes do Serviço de Censura do Departamento de Diversões Públicas do Estado de São Paulo (DEIP-SP), braço estadual do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, criado por Getúlio Vargas, senti-me como descobrindo um fóssil importantíssimo para o resgate da história política brasileira. Senti-me como Indiana Jones frente à Arca Perdida, uma aventureira que, graças à providência do crítico, produtor, escritor e professor Miroel Silveira, entrava em contato com o que sobrara de um triste período de autoritarismo e repressão às pessoas, às instituições, às artes e à cultura. O Arquivo Miroel Silveira, salvo do vendaval que destruiu os documentos de épocas ditatoriais, estava guardado, ainda virgem, na Biblioteca da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Como socióloga (outro tipo de aventureira) e pesquisadora estabeleci com essa documentação uma relação que já tem quase vinte anos, nos quais procurei conhecer suas características e suas especificidades, buscando entender o que era e como funcionara a censura. Durante esses anos, coordenei diversos projetos de pesquisa, auxiliada por professores da ECA/USP, especialmente Mayra Rodrigues Gomes e Roseli Figaro Paulino, por um grande número de orientandos, bolsistas e pesquisadores do Brasil e do exterior, todos interessados em conhecer o que era e como atuava a censura no Brasil.

¹ Professora Titular da Escola de Comunicações e Artes da USP e coordenadora do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (OBCOM).

Desse trabalho de pesquisa surgiu o Núcleo de Apoio à Pesquisa Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura da Universidade de São Paulo, o OBCOM-USP, que abrigou o Arquivo e os pesquisadores que se admiravam diariamente com a riqueza de informações sobre uma época que constituiu os Anos Dourados da produção teatral nacional, acompanhando o despertar da dramaturgia brasileira e de grupos de teatro que a tornaram conhecida nacional e internacionalmente. Os resultados das pesquisas desenvolvidas mostraram o quão nefasta é a intervenção estatal à produção cultural e artística e como ela aleija o público por impedir o acesso às obras produzidas para eles. Algumas apresentações ao público, sob a forma de publicação ou encenação, são adiadas por décadas nas quais autores, diretores e atores lutam por sua liberação; outras são liminarmente vetadas, outras ainda são modificadas, perdendo seu caráter crítico e instigador. E nesse esforço fiscalizador e perseguidor da crítica, da denúncia e da análise política, espalha-se o medo, a insegurança e a sempre detestável autocensura. Sabedores, portanto, através de dados os mais diversos que procuramos tornar públicos, de que a censura é um recurso perniciosos ao desenvolvimento das artes, da cultura, do pensamento crítico e do amadurecimento cultural de um povo, realizamos diversos programas com o objetivo de expor o funcionamento dos censores, o que pensavam, como agiam, como justificavam seus atos e como prejudicaram a produção artística e cultural brasileira.

Durante todos esses anos, aqueles que nos viam nesse projeto diário e constante a favor da liberdade de expressão, admiravam-se de nos dedicarmos com tanto afincos à defesa de um direito que parecia, desde o fim da Ditadura (1964-1985) e do processo de Redemocratização do país que a ela se seguiu, absolutamente assegurado – o Direito à Livre Expressão. Mas nós do OBCOM-USP sabíamos que além das questões legais, nossas pesquisas haviam levantado a existência de uma cultura censória implantada sub-repticiamente na cultura brasileira, levando sempre, os que ocupavam o poder, em qualquer um de seus níveis, a evitar e rechaçar a crítica, a denúncia e a oposição. Essa cultura repressiva e intervencionista tinha também o

respaldo de grande parte da sociedade que se acomodava a uma atitude de não questionamento e de rejeição a qualquer dissidência ou oposição.

Uma cultura censória trazida para o país nos porões das caravelas portuguesas que aqui aportaram no século XVI, nos livros missionários das ordens religiosas, nos anos de colonialismo português, e que sobrevivendo à Independência e à República, manteve-se viva numa atitude acomodada de muitos frente aos acontecimentos nacionais e às obras que os abordavam e discutiam. Assim, tivemos um enorme atraso na implantação da educação pública, da imprensa, das universidades e da ciência, da arte e da literatura em nosso país. Em compensação, a censura, esse recursos que encobre as contradições, proíbe o questionamento e impede a transformação, correu solta pelas artérias nacionais de poder, fosse ele religioso ou laico, monárquico ou republicano, nacional ou internacional.

Mas não tardou para que o direito à Liberdade de Expressão, consagrado na Constituição de 1988, a Constituição Cidadã, fosse questionado (ou relativizado, como se costuma dizer) e contra ele começassem a surgir atos de intervenção promovidos por diversos fatores. Um deles foi o desenvolvimento tecnológico dos meios de comunicação que modificou radicalmente as possibilidades de acesso e participação no conhecimento e na fruição artística. A Internet, a globalização, o acesso à informação aproximaram o público de artistas, de pessoas e de autoridades. Nunca como agora, as pessoas estiveram tão próximas do poder, da produção cultural, artística e científica, podendo interagir, questionar e se informar. Essa proximidade tornou as relações mais rápidas, constantes e fluídas, deixando as elites econômicas e políticas inseguras e vigilantes.

Outro fator que modificou a pronta defesa da Liberdade de Expressão foi a insegurança trazida por essa nova etapa do chamado Capitalismo Pós-industrial, no qual as pessoas são colocadas diante de forte desarticulação do sistema produtivo e do mercado de trabalho, passando a haver maior insegurança e instabilidade das forças produtivas. A desestabilização promove uma vigilância maior por parte de todos e um desejo constante de intervenção.

O resultado é que, impulsionados pela cultura censória a qual nos referimos, começa-se a fazer uso de medidas econômicas, judiciais e diferentes formas de pressão social com o objetivo de minar a livre circulação de ideias pelos jornais, pelas revistas, pelos palcos, pelas telas e pelas redes sociais. A censura dá mostras de seu poder secular, fazendo-nos reviver processos de silenciamento e intervenção como na época de vigência das leis que promoveram a criação do Arquivo Miroel Silveira. Assim, depois de quase vinte anos, dedicamo-nos agora a estudar a censura que, em nome de justificativas de defesa de instituições, da moral, dos bons costumes, da família ou do “cidadão acima de qualquer suspeita”, buscam manipular a opinião pública, silenciar a oposição, impedir a crítica e o debate. No bojo dessa investigação, desenvolvemos o Projeto Liberdade de Expressão e Campanhas Eleitorais 2018, numa parceria com o Instituto Palavra Aberta – IPA e o Instituto de Comunicação da Universidade Nova de Lisboa – ICNOVA. Entre agosto e novembro de 2018, lemos matérias de jornais e revistas brasileiras e portuguesas que falavam como se posicionavam os candidatos à Presidência do Brasil em relação à defesa da Liberdade de Expressão – foram 2.500 matérias que abordavam de *fake news* à classificação indicativa de exposições artísticas, mostrando que a censura, como outros aspectos da vida política e econômica do país e do mundo, mudou de cara, de lugar e de procedimentos. Permaneceram, entretanto, muitos de seus critérios e justificativas.

Este livro que agora lhes chega às telas traz o resultado do Seminário em que essa pesquisa foi divulgada e no qual intensos e profícuos debates foram travados a respeito desse cenário da atualidade em que a velha censura colonial e autoritária sobrevive em meio ao desenvolvimento de um sistema de tecnologia avançado de comunicação e a uma reorganização do sistema produtivo e das relações políticas e econômicas mundiais. Com esse trabalho esperamos estar dando mais um empurrão nessa força importante e sempre renovada em defesa da Livre Expressão. Vamos a ela então!